

Notas sobre o 17 (apresentadas durante um encontro psicanalítico)

Benjamín Mayer-Foulkes

O 17, *Instituto de Estudios Críticos* comemorou em 2011 sua primeira década de atividade pública. Nosso primeiro encontro, que convocou a psicanalistas e intelectuais ligados a posições laicas em relação à perduração das diversas formas da fé, ocorreu apenas poucas semanas antes do dia 11 de setembro de 2001. Sou o fundador do 17 e ainda permaneço como seu diretor; por isso sei bem que sem a participação de uma legião de colegas, psicanalistas, ou não, amigos, ou não, dentro e fora do México, o Instituto jamais teria encontrado ocasião. Eu o visualizei pela primeira vez desde a fecunda lentidão da minha própria análise – desde então, fui tomado por sua ideia: *uma máquina produtora de silêncio* – mas mesmo assim não se trata de um empreendimento pessoal, trata-se de uma aposta por um laço social do qual não sobraria nada se não fosse acolhido e retransmitido, com variações, por outros.

O 17 consiste, e não, num dispositivo psicanalítico; é, e não é, uma instituição universitária, comporta-se, e não, como uma iniciativa cultural. Sua existência ocorre de acordo com o modo dessas três instâncias ... e de nenhuma delas. Resposta idiomática à situação da psicanálise, da universidade e dos percursos da cultura no México enfrentados por mim e por tantos outros. O 17 promoveu desde sua origem a justaposição contínua, assonante e dissonante, entre prática psicanalítica, pensamento crítico e criação. É possível algo assim? Sim, a partir da referência também sustentada deste “anseio do totalmente outro” referido por Theodor Adorno e Max Horkheimer que, de repente, é capaz de substituir, sem ser precisamente um sinônimo, o desejo “de obter a diferença absoluta” apontado por Jacques Lacan em relação ao desejo do analista. Dobradiça preciosa da teoria crítica com a psicanálise.

O 17 se oferece, então, como uma espécie de +1. Ou seja, como um suplemento no sentido de Jacques Derrida: menos que nada e, por seus efeitos, muito mais, nem presente nem ausente, nenhuma metafísica, nenhuma metapsicologia poderia localizar sua operação, ainda que ao seu ponto de fuga acorram e retornem com insistência nossas pulsões de sistematização. Suplemento sempre viável, mesmo que nunca único, da constelação gremial psicanalítica, hoje concretamente existente no México, bem como dos seus circuitos culturais, universitário e um et cetera deliberadamente aberto, o *efeito 17* consegue desdobrar-se até agora no México e além, em castelhano ou na esburacada língua de James Joyce, em pessoa ou por via digital ou em papel. Contra as aparências, a sua não é uma vocação marcada pelo *infinitismo* da histeria, mas pela prática constantemente possível e necessária da ética instituinte que caracteriza o ato analítico.

Por isso, a escritura cumpre entre nós uma função decisiva: é o denominador comum que possibilita a montagem cotidiana da clínica, da crítica e da criação. Escritura não como uma inscrição meramente livresca, mas como marca ao mesmo tempo psicanalítica e desconstrutiva, jeroglífico sagrado mencionado por Freud a propósito dos sonhos que cifra os registros Simbólico, Imaginário e Real, ao não cessar tampouco de não se escrever. Daí então nosso amplo recurso à internet, não como uma proeza da telecomunicação, mas como uma máquina de escrever que pode, portanto, refratar o tempo e o espaço no sujeito. Membrana carente de interior e de exterior, o Instituto *encarna* aqui e lá, dentro e fora do país, conforme a hospitalidade oferendada por outros. À exceção unicamente das suas publicações, cujas páginas, não sem ironia (lembramos aqui os poemas de Edmond Jabès), são o nosso único território *próprio*. Ainda que haja também um segundo motivo pelo qual hoje nos tange crucialmente o entorno digital - na medida em que é um indicador inestimável da natureza dos laços sociais contemporâneos.

Lacan esclareceu (*O avesso da psicanálise*, seu décimo sétimo seminário) as operações clássicas da religião e da política, ciência, arte e psicanálise, entendidos como formas várias de laço social. Agora, bem podemos perguntar se suas codificações originais permanecem fiéis às formas nas quais habitamos atualmente. Não é difícil supor que os modos tradicionais desses laços têm experimentado mutações profundas ao longo dos últimos três séculos, isso como resultado da queda paulatina da referência paterna - figurada como morte de Deus, decapitação do rei, eclipse da autoridade - bem como

pela conseguinte ascensão vertiginosa do sujeito burguês como protagonista do capitalismo. Assim, fica clara a conseguinte transformação do saber, como também das gamas da subjetividade. O saber perde seu caráter cosmogônico e sua gradual discretização acaba por desnarrativizá-lo. Com relação à subjetividade, ela acaba ficando localizada entre duas manifestações extremas: o narcisismo de um sujeito tão inchado como estagnado (*stagflation*, diriam os economistas dos anos 80) e a miséria daquele que está na situação de radical despossessão de si, cuja experiência corresponde a uma das tantas franjas sociais valorizadas hoje em dia, tacitamente ou não, como “prescindíveis”.

No México, como em outros lugares, convivem hoje, não sem tensões, as formas tradicionais da lei, do saber e do sujeito com suas gamas contemporâneas, da mesma forma que os modos de mal-estar subjetivo que lhes correspondem. O que nós, psicanalistas, faremos frente a isso? Ainda mais, como teremos que responder? Desde já, a própria psicanálise não está alheia às mutações em jogo. A multiplicação das psicoterapias é um fiel indício dessa situação em que o sujeito é assaltado por supostos saberes especializados, que criam barreiras para o Eu oscilante. A sugestão, originalmente deixada de lado por Freud ao dar lugar à psicanálise, retorna a exercer suas competências. Não se pode exagerar o contraste entre as psicoterapias e a psicanálise: nesta última o sujeito se confronta – através do silêncio primário do analista – com o gozo que sinaliza o seu sofrimento... e do seu saber. Mas a psicanálise, o que costumamos chamar “psicanálise”, não fica incólume perante a gravitação psicoterapêutica; caso exemplar, entre os lacanianos, é a Psicologia do eu. Porém, seria impreciso e injusto supor que, neste sentido, esta Psicologia tem exclusividade: aqui e ali, quase sempre nos lugares menos esperados, descobrimos a mesma tendência de fazer da psicanálise um saber consciente. Então, hoje, temos bons motivos para recorrer a contribuições como as de Michel Foucault e Jacques Derrida, à procura de apoio adicional ao trabalho iniludível e cotidiano de manter uma espécie de assepsia psicanalítica que possa se contrapor aos vestígios e reincidências do saber na nossa prática. Que (aparente) paradoxo. Podemos fazer deste trabalho asséptico e cético algo sempre possível? O que fazer quando, de repente, nossos recursos parecem ter se esgotado?

Considero que no nosso entorno imediato, este foi um dos debates essenciais da década de 1990, anos da primeira gestação do Instituto. Dentre seus focos, destacou-se o polêmico e fecundo intercâmbio entre os que se colocavam

nas esteiras de Lacan e Derrida. No México, colegas como Frida Saal e Marcelo Pasternac, ocuparam-se desse assunto. À diferença do segundo, não achei necessário optar somente por um dos dois pensadores. Também não afirmei, como poderia se esperar, que seria conveniente algo como uma psicanálise “derridiana”. Ao contrário, penso que a contribuição de Derrida consiste em um suplemento permanente, ubíquo e vital a Freud e Lacan, entre outros. O 17, *Instituto de Estudios Críticos* poderia situar-se no contexto desse debate na medida em que sua vocação é e tem sido a de proporcionar *outra cena* a manifestações e inquietações, cuja tendência é permanecer obliterada no nosso meio.

O Lacan dos Quatro discursos me deu a oportunidade de imaginar que a desconstrução, habitualmente mal-entendida como uma “filosofia” ou um “método literário”, poderia ser considerada como uma espécie de laço social. Se o psicanalista francês descobriu o Discurso do analista como um laço social, eu tenho arriscado propor que a desconstrução também é um tipo de laço social, parente próximo, porém diferente, do Discurso do analista. Isso não deve surpreender se lembrarmos que no *corpus* derridiano há mais referências a Freud que a Heidegger. Porém, a desconstrução não é a psicanálise de fato, pois consistiria em outra vertente do freudismo. O erro de André Green, supor que a psicanálise é uma psicanálise da filosofia (cfr. *Freud e a cena da escritura*, de Jacques Derrida), é um tropeço singularmente útil e revelador.

Então, definitivamente, qual seria a diferença entre a psicanálise e a desconstrução? Se na psicanálise o sujeito é interpelado pelo gozo para promover a produção de um significante novo em nome do qual possa encarar melhor os outros significantes, o laço desconstrutivo consiste em direcionar esse mesmo resíduo inassimilável a outra forma significativa para *descompletá-la* e assim reabrir um lugar para o sujeito ali onde ele parecia inexistente, ou então permitir a instauração de novos começos de ordenamento na vida pessoal e social. A aposta do 17 é a experiência deste (duplo) laço desconstrutivo desenrolado ao longo do tempo em diversas direções.

Por isso, o 17 é, e não é, um dispositivo psicanalítico, um empreendimento cultural e uma edificação universitária. Com relação ao seu ato, o 17 se deixa descrever, inclusive, em termos de uma *intervenção*, no sentido que essa palavra adquire especificamente no contexto da arte contemporânea. Novamente, faço alusão às elaborações do discurso de Lacan para afirmar que essas intervenções consistiriam essencialmente em interpelar a lei em nome

do sujeito sobre a base de um gozo residual, com a conseguinte produção de novas ilações significantes. A operação do laço desconstrutivo não só *não* completa o saber, mas mina implacavelmente sua miragem. Estamos aqui perante a inversão do laço universitário clássico: aí onde a academia sempre quer alargar o império do saber em direção a tudo o que permanece radicalmente alheio a ele, nosso laço interpela, em nome de tal estranheza extrema, as construções do saber, incluídas aí as psicanalíticas (ou melhor, as “psicanalíticas” escritas entre cuidadosas aspas).

Então, qual tem sido o sentido dos nossos afãs desde 2001? Contrapor-nos ao isolamento da psicanálise em relação às humanidades contemporâneas e à criação? Substituir a seriação da psicanálise com a psicologia e a psiquiatria (a suposta série psi-) por uma adjacência das nossas relações com a “história da cultura”, a “mitologia”, a “psicologia da religião” e a “ciência da literatura”, âmbitos aos quais Freud referiu-se abertamente em *Podem os leigos exercer psicanálise?* Reinterpretando, é claro, esses âmbitos nos termos que correspondem a suas manifestações atuais nas ciências da linguagem, na literatura, na filosofia, no pensamento político e estético; reintroduzir a clínica psicanalítica nos debates da teoria psicanalítica contemporânea (entendida como o conjunto dos legados e dos autores que sucederam Freud, Marx e Nietzsche); relacionar os pesquisadores do pensamento psicanalítico e os “teóricos da psicanálise” com os psicanalistas praticantes que atendem cotidianamente o mal-estar subjetivo; recuperar a proximidade constitutiva da psicanálise com a escritura como materialização do discurso; fazer da leitura a *pedra de afiar* do ouvido psicanalítico e ocupar-nos da transferência ao texto; reformular a pergunta pela dimensão social e a possibilidade da *psicanálise afora*, além do consultório.

Tenho insistido que o Instituto é e não é uma e várias coisas. Poderão me acusar de *cantinflear*.¹ Aceitaria isso com prazer: acho que nós, psicanalistas mexicanos, ainda não sabemos valorizar a singular capacidade criadora do *cantinfleo*, entre outras mexicaníssimas tagarelices. Por outro lado, nosso país é o nome de uma singular confluência de exílios, e o Instituto leva as marcas de vários deles. Como acolher esses exílios, afirmá-los, cultivá-los? Tantas

1 Cantinflear é um termo verbal de uso popular adotado pela Real Academia Espanhola e significa falar ou agir de uma maneira absurda e incongruente, dizendo tudo sem dizer nada substancial. Vem da forma de falar do mundo popular socializada através do cinema por um ator cômico mexicano chamado Mario Moreno, apelidado Cantinflas. (N.T.)

perguntas fundadoras também da psicanálise e da teoria crítica que fazemos nossas. A cifra que é o nome próprio do Instituto refere-se ao número 17 da rua Victoria-Allee, no campus da Universidade de Frankfurt, onde foi construído em 1923 o edifício do *Institut für Sozialforschung* que depois ficaria relacionado para sempre às presenças de Max Horkheimer, Friedrich Pollock, Leo Lowenthal, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin. Seu promotor, judeu e alemão como é sabido, tinha, além disso, dois nomes muito castiços, pois nasceu e viveu em Buenos Aires até os nove anos de idade e, mais tarde, manteve na Argentina uma visível carreira como funcionário e intelectual público: *Lucio Félix Jose Weil*. Não é muito conhecida a presença no mesmo edifício, a partir de 1929, do Instituto de Psicanálise dirigido por Karl Landauer y Heinrich Meng, cuja clínica teve como primeiro diretor, por acaso, o meu avô materno S. H. Foulkes.

Os intensos intercâmbios que continuaram entre pesquisadores sociais e psicanalistas marcaram o trabalho de Erich Fromm e também o de Norbert Elias, bem como a análise de grupos desenvolvidos posteriormente por Foulkes ao longo do seu exílio britânico. Meu avô fugiu com sua família da Alemanha em 1933 e, em Genebra, Horkheimer lhe confirmou que tudo estava perdido. Traço da insólita iniciativa de Weil, marca da acolhida da psicanálise pela crítica social em sua interrogação crucial do pensamento ilustrado, símbolo da resistência política à hecatombe totalitária, o 17 é também minha homenagem personalíssima às palavras do amigo. Distante eco de uma luz extinta, esse número é para mim a nomeação impossivelmente universal daquilo que cada desterro deixa para trás.

Por isso, o 17 não é uma bandeira. Serve como indicador da relação da psicanálise com a teoria crítica, porém não afirma a psicanálise, digamos, de corrente "frankfurtiana". Não se trata aqui de um gesto pedagógico. Significante de psicanalítica intimidade, na sua passagem ao público, o 17 constrói menos como um "significante-mestre" que como um significante da falta no Outro. O Instituto não defende uma posição ou outra, mas sim a produção com outros: os "significantes-mestres" e os significantes da falta no Outro. E ao fazê-lo, como diria Derrida, sem condição (*A Universidade sem condição*), por quaisquer vias, seja ela clínica, crítica, criadora:

Eis aqui o que poderíamos, por apelar a ela, chamar a universidade sem condição: o direito de princípio de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo.

Sou o primeiro a me surpreender por poder dar testemunho de sua efetiva *possibilidade*. Todos e cada um dos âmbitos do Instituto servem a esse propósito, mesmo que construam ao mesmo tempo a modo de embalagem de uma interface necessária. *Ser, e além disso, não ser*, movimento peculiar que leva ao marranismo daqueles judeus da Espanha dos Reis Católicos que, convertidos à força, tiveram que manter clandestinas suas convicções. Frente à universidade, à cultura, ao nosso incipiente Estado, ao mercado e à instituição psicanalítica, o 17 realiza cotidianamente uma prática *marrana*. Motivo pelo qual a formulação original do Instituto teria tomado ampla inspiração dos fotógrafos cegos, em primeiro lugar do esloveno-francês Evgen Bavcar, pioneiro desta luminosa prática que é a fotografia dos cegos. Bavcar participou dos seminários de Lacan e Derrida e, não por acaso, frequentemente acaba sendo o confidente predileto de muitos de seus amigos psicanalistas.

Tradução de Sonia Radaelli e Leticia Colleti

Uma versão um pouco mais longa deste texto foi apresentada no colóquio “História da psicanálise no México: passado, presente e futuro”, realizado no sábado, 24 de setembro de 2011, coordenado por Martha Reynoso, convocado pelo Instituto do Direito de Asilo, A.C./ Museu Casa de León Trotsky.